

CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DA LITERATURA PSICOGRAFADA A PARTIR DA COLEÇÃO A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL (1944-1968), DE CHICO XAVIER¹

MOVEMENT AND RECEPTION OF PSYCHOGRAPHED LITERATURE FROM THE COLLECTION LIFE IN THE SPIRITUAL WORLD (1944-1968), BY CHICO XAVIER

Ana Lorym Soares²

RESUMO: Neste texto, o objetivo é mapear e interpretar, dentro de uma comunidade específica de leitores, a circulação e a recepção da coleção de romances psicografados por Chico Xavier e editados pela Federação Espírita Brasileira (FEB), *A vida no mundo espiritual* (1944-1968). Coleção que foi produzida e veiculada dentro de um contexto missionário que entendia o livro psicografado como portador de verdades reveladas do "Além", não obstante a narrativa romanceada impusesse a segmentos de leitores a impressão de que se tratava apenas de ficção.

Palavras-chave: Literatura espírita; Chico Xavier; Psicografia; Recepção.

ABSTRACT: In this text, the objective is to map and interpret, within a specific community of readers, the circulation and reception of the collection of novels psychographed by Chico Xavier and edited by the Brazilian Spiritist Federation (FEB), *Life in the Spiritual World* (1944-1968). A collection that was produced and widespread in a missionary context that understood the psychographed book as the bearer of revealed truths from "the celestial sphere," although the book narrative gave readers the impression that it was only fiction.

Keywords: Spiritist Literature; Chico Xavier; Psychography; Reception.

1 As questões debatidas nesse artigo são desenvolvidas em profundidade na obra: SOARES, Ana Lorym. *O livro como missão: a publicação de textos psicografados no Brasil dos anos 1940 e 1960*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018.

2 Doutora em História pela UFRJ; professora adjunta do Curso de História da UFG/Jataí; Coordenadora do Núcleo de Estudos em História e Literatura (NEHL). O artigo de autoria da referida professora, presente nesta coletânea, se insere em uma pesquisa mais ampla sobre a historicidade da literatura distópica contemporânea que é financiada pelo CNPq (2019-2021). E-mail: analorym@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estejamos atentos à benção da caridade,
 por intermédio das migalhas de luz.
 Desenvolve-se a plantação, semente a semente.
 Ergue-se a casa, tijolo a tijolo.
 Constitui-se a mais bela sinfonia, nota a nota.
 Agita-se o rio, gôta a gôta.
 Surge a história, palavra a palavra.
 Edifica-se a estrada mais longa, metro a metro.
 Desdobra-se o tecido, fio a fio.
 E o próprio século não é mais que larga faixa de tempo,
 a estruturar-se, minuto a minuto.
 Assim também a obra da inteligência.
 Doemos à expansão da luz as nossas melhores fôrças,
 conscientes de que o esclarecimento,
 quanto aos nossos princípios, se realizará, de coração a coração,
 através de página a página, e de que a cultura espírita,
 capaz de operar a renovação do mundo, se fará livro a livro
 (Emmanuel, em psicografia de Chico Xavier).

O termo “coleção”, em sentido editorial, evoca um conjunto de textos sobre temas considerados homogêneos pelo editor. Essas publicações, embora distintas, são ligadas entre si por um título comum que as engloba em uma sequência e por um responsável (singular ou coletivo) que as coordena, obedecendo, em geral, normas editoriais que regem o formato, a capa, as ilustrações e que lhes fornecem um caráter de unidade (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 175). Trata-se, portanto, de uma classe específica de edições que tem sua emergência, como identifica Isabelle Olivero (1999), atrelada ao contexto europeu do século XIX, dado que esse período proporcionou, ao mesmo tempo, a formação de uma comunidade de leitores em proporções anteriormente desconhecidas, em decorrência da “universalização da alfabetização”, da introdução de inovações técnicas no meio editorial e no setor gráfico, que possibilitou a oferta ao público consumidor de novos e variados formatos a um custo menor; e do aparecimento de ideologias e projetos culturais variados que viam no livro o veículo ideal para a sua propaganda e difusão.

O texto que serve de epígrafe, embora se refira ao livro espírita em geral, pode ser lido como tradução do significado que a coleção *A vida no mundo espiritual* assume no contexto de desenvolvimento e difusão de uma “cultura espírita” conforme compreendida pelos espíritas brasileiros em meados do século XX. A partir do seu primeiro volume, lançado em 1944, até o último, em 1968, a coleção deveria consolidar, livro a livro, a missão da qual foi incumbida de realizar: operar a renovação do mundo por meio da divulgação de aspectos específicos da doutrina espírita.

Os responsáveis por esse projeto foram o célebre médium mineiro Francisco Cândido Xavier

(1910-2002), mais conhecido como Chico Xavier (que registrou os textos, segundo ele, por via psicográfica)³ e diretores da Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB), especialmente o presidente da instituição, Antônio Wantuil de Freitas (1895-1974). A difusão da missão espírita por meio de livros foi ensejada pela criação, em meados dos anos 1940, de uma estrutura gráfica e editorial espírita que investia na produção de livros confessionais aproveitando-se das possibilidades que o campo das edições abriu aos produtores de livros no Brasil (SOARES, 2018).

A coleção é formada por 13 livros,⁴ na maioria, romances escritos em primeira pessoa, cuja autoria é remetida por Chico Xavier e sua editora, a um espírito conhecido no meio kardecista brasileiro como André Luiz que, após sua última encarnação como médico, na cidade do Rio de Janeiro, decidiu, no "Além", auxiliado por "espíritos superiores", narrar com minúcias a configuração da vida após a morte nas zonas próximas à Terra.

A partir da coleção, vemos emergir, no "Além", um modelo de organização social e de conduta moral de características utópicas, lastreado pela doutrina kardecista e por uma leitura espírita do cristianismo. *Nosso lar* (o primeiro volume da coleção e até hoje o mais prestigiado dentro e fora da comunidade de leitores espíritas) e os volumes que se seguem, ajudam não apenas a conformar uma visão específica da vida no "mundo espiritual", apresentando-a como "uma versão melhorada da vida na Terra", mas se propõe a disciplinar as próprias práticas espíritas, ao definir um parâmetro de atuação mediúnica, não por acaso, espelhado no padrão defendido pela FEB e no exercício psicográfico do médium Chico Xavier.

Em relação ao recurso à narrativa romanesca, ao mesmo tempo em que permite dialogar com uma tradição literária espírita (já observada no Brasil desde o último quartel do século XIX, em que se publicavam romances de temática kardecista), introduz elementos novos ao disseminar atualizações doutrinárias como "verdades reveladas"; e não obstante tenha ensejado a circulação mais ampla dos livros, permitindo, inclusive, que servissem de base para programação do rádio e da televisão nascentes no Brasil, o veículo romance atuou de maneira dinâmica na conformação da recepção das obras, ao direcionar a sua interpretação para a hesitação entre "realidade" e "ficção", como veremos.

O acesso, entre outras fontes, às edições originais dos livros, à correspondência trocada entre Chico Xavier e seu editor, aos anúncios de publicações à venda, às resenhas e comentários sobre os volumes componentes da coleção na imprensa da época, possibilitaram-nos acompanhar, em boa medida, as modalidades de circulação e as formas de recepção que envolveram a coleção durante os anos de sua publicação.

Uma vez apresentada em linhas gerais a coleção, importa identificar como se constituiu a sua circulação e recepção, definir seus leitores e perguntar em que medida assimilam ou transgridem os protocolos introduzidos por "autores" e "editores". Nessa operação, dois movimentos interpreta-

3 Psicografia: "Ato ou efeito de escrever algo que teria sido ditado ou sugerido por um espírito desencarnado" (HOUAISS e VILLA, 2009, p. 1571).

4 A coleção está composta assim: *Nosso lar* (1944), *Os mensageiros* (1944), *Missionários da luz* (1945), *Obreiros da vida eterna* (1946), *No mundo maior* (1947), *Libertação* (1949), *Entre a terra e o céu* (1954); *Nos domínios da mediunidade* (1955); *Ação e reação* (1957); *Evolução em dois mundos* [psicografado em parceria com Waldo Vieira] (1958); *Mecanismos da mediunidade* [psicografado em parceria com Waldo Vieira] (1960); *Sexo e destino* [psicografado em parceria com Waldo Vieira] (1963), *E a vida continua...* (1968).

tivos permitem dar conta da relação instituída entre duas expectativas combinadas: a que organiza o espaço legível da obra e a que estabelece uma diligência, necessária à sua efetuação através da leitura (CERTEAU, 1994, p. 266). O primeiro movimento visa estabelecer o perfil do consumidor dessa literatura e as modalidades de circulação da coleção *A vida no mundo espiritual*, inscritas em estratégias editoriais de divulgação; o segundo, volta-se para as apropriações das obras por seus intérpretes, de modo a detectar opiniões emitidas e seus desdobramentos no interior da “comunidade de leitores” a que pertencem.

A CIRCULAÇÃO DA COLEÇÃO NAS DÉCADAS DE 1940 E 1960

O exame dos elementos paratextuais⁵ da coleção, em especial os prefácios, expõe a idealização da figura do leitor por parte de autores e editores. Verificou-se que, em primeiro lugar, era o espírita convertido o foco das narrativas, sem, contudo, se abrirem mão de circulação mais ampla. Pelo fato de considerarem o livro como imbuído de “missão”, enquanto meio difusor da doutrina, esperava-se que ele alcançasse um número ilimitado de leitores, extrapolando a recepção endógena. Conforme expressou Chico Xavier em carta ao presidente da FEB, eles precisavam de “(...) livros de feitio pequeno e alegre que pudessem interessar aos lares espíritas ou cristãos de qualquer escola diferente” (SCHUBERT, 1998, p. 63). Mais ainda, a publicação dos livros em tipos de edições variadas (brochura e encadernado simples ou em couro) denota o interesse em alcançar públicos diversos.

Nas páginas da revista *Reformador*, veículo institucional da FEB, verificava-se um apelo constante aos consumidores no propósito de serem, além de leitores, igualmente divulgadores das edições produzidas pela FEB naquela época. Vários foram os anúncios e propagandas veiculadas com esse intuito, referindo-se diretamente aos livros atribuídos a André Luiz ou às obras espíritas em geral. Em edições próximas ao Natal, por exemplo, vários anúncios sugeriam aos pais a oferta de livros espíritas infantis aos filhos. Da mesma forma, durante todo o ano, mensagens como “Formai amigos para a vida inteira. Em cada mão ponde um livro espírita” ou “Livros, presente de amigos” eram exibidas a quem folheasse um exemplar da revista oficial da FEB (SOARES, 2018). Na revista, percebia-se até mesmo apelo direto aos praticantes da religião:

A FEB, pois, convida todos os espíritas do Brasil para participarem, conscientemente, do seu gigantesco esforço editorial na divulgação da Doutrina dos Espíritos, adquirindo, presenteando e aconselhando a leitura do Livro Espírita; estimulando a formação de bibliotecas espíritas nos Centros e Grupos; e, finalmente, incentivando a promoção de Feiras do Livro Espírita em todo o País, não só no Dia do Livro, mas em tôdas as épocas do ano (THIESSEN, 1970, p. 271).

Não obstante o desejo de alcançar o leitor “externo”, as possibilidades nesse sentido não eram muito definidas. Normalmente, as edições da FEB eram distribuídas em espaços ligados ao próprio universo de sociabilidade dos espíritas, como livrarias e bibliotecas das próprias instituições

5 Para melhor compreender o funcionamento dos elementos paratextuais na apreciação de um livro ou qualquer objeto editorial, ver: GENETTE, 2009.

vinculadas à religião, e, a partir do final dos anos 1960, também em feiras e clubes do livro espírita. Segundo informação de uma das secretárias do editor e presidente da FEB à época, raramente, por volta dos anos 1950, os livros da FEB eram vendidos em livrarias não especializadas nesse tipo de produção. Entre as exceções estava a Livraria Francisco Alves, que mantinha obras da FEB à venda nas suas lojas, ao longo dos anos 1950 e 1960, pelos menos (GUIMARÃES, 2013).⁶

A aquisição das edições da FEB também era facultada ao comprador através do serviço de reembolso postal, pelo menos desde o final dos anos 1930 até a década de 1970, como foi possível constatar. Essa opção, porém, deve ter sido escolhida majoritariamente por leitores endógenos, que manipulavam as edições periódicas da revista *Reformador* e do catálogo da editora, onde se noticiava regularmente a possibilidade do uso do serviço de reembolso postal.

Frei Boaventura Kloppenburg (1919-2009),⁷ nas suas orientações aos católicos acerca do perigo espírita, verificou que, entre as formas de propaganda mais utilizadas pelos espíritas brasileiros observava-se a circulação de livros. Ele mencionou ser comum encontrarem-se livrarias e editoras desse tipo em toda parte e “Em muitas cidades os espíritas organizam barracas especiais em praças públicas para expor e vender livros. Em São Paulo vimos em plena Galeria Prestes Maia riquíssima exposição de livros espíritas.” (KLOPPENBURG, 1960, p. 34).

Como se pode verificar, com algumas exceções, era através da rede de periódicos e instituições espíritas e do trabalho “homem a homem” que se realizava a distribuição e difusão das edições da FEB, entre elas, as pertencentes à coleção *A vida no mundo espiritual*. Isso nos leva a considerar que a principal parcela da recepção dessas obras espíritas era formada por seus próprios prosélitos ou por “simpatizantes” que frequentavam esses espaços.

Ainda assim, outras modalidades de divulgação podem ser observadas. Uma delas é a doação direta de exemplares editados pela FEB para bibliotecas públicas, como a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e a Biblioteca Pública do Planalto, em Brasília. Na ocasião da instalação da sede da FEB na nova capital federal, a instituição doou 223 exemplares de livros por ela editados (FEB, 1960, p. 113). Do mesmo modo, havia a veiculação direta ou indireta dessas obras, através de programas com conteúdo espírita, no rádio e na televisão.

O rádio, por exemplo, uma realidade no Brasil desde os anos 1920, começou a fazer parte da vida das pessoas, com maior intensidade nos anos 1940 e 1950, quando passou a existir, minimamente, condições técnicas e financeiras para isso. Nesse cenário de acomodação do novo veículo cultural e informativo, os espíritas conseguiram obter um espaço para a divulgação de sua doutrina. Numa reportagem da revista *Reformador*, de janeiro de 1957, listaram-se 74 estações de rádio que mantinham programação espírita fixa em sua grade, em todos os estados do país. Tendo sido ressaltado, porém, que os dados apresentados estavam desfalcados (FEB, 1957, p. 13-14). Apesar da maior parte das estações apresentar os programas semanalmente, com predominância nos sábados e domingos, muitas delas mantinham programas diários ou com duas ou três ocorrências semanais.

6 Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, as edições espíritas eram vendidas, entre outras, pela renomada Livraria Garnier, no Rio de Janeiro.

7 Bispo alemão de nascimento, que atuou junto à igreja católica, no Rio Grande do Sul. Publicou muitas obras com o intuito de combater sincretismos religiosos entre os católicos brasileiros e o espiritismo foi o principal foco de seu combate.

A natureza desses programas era, na maioria das vezes, constituída por leituras de trechos de livros espíritas, seguidos ou não de comentário, abrindo-se espaço também para a divulgação das atividades de instituições espíritas.

Quando as radionovelas ganharam terreno no Brasil, na esteira das *soap-operas* americanas e dos melodramas cubanos e argentinos que arrebatavam o público feminino nesses países, os romances espíritas também encontram aí um espaço junto ao público. Em outubro de 1953, foi reproduzida no jornal oficial da Federação Espírita de São Paulo, uma matéria de uma revista mineira em que se afirmou:

Há um livro, dito psicografado, e, portanto, espírita, intitulado "A vingança do judeu". Sua tiragem, no Brasil, ascende a centenas de milhares de exemplares. Em quantos lares católicos êle não terá entrado? O rádio novelizou-o, todos, favorável ou contradiatoriamente, o comentam (FEESP, 1953, p. 14).

De fato, o livro mencionado já era um sucesso entre os leitores brasileiros nos anos 1930 e 1940 e isso fez, provavelmente, com que a dramaturga Ivani Ribeiro⁸ o transpusesse para o formato da radionovela (RIZZINI, 2001, p. 233). Mais tarde, esse mesmo romance migraria para a televisão, sendo exibido em São Paulo e Goiás, por exemplo. No jornal paulista *Diário da Noite*, em abril de 1966, assinalou-se: "Um livro comove a televisão" e antes de ser apresentado "ao vivo" pelo canal 4 (TV Tupi), como telenovela, *A vingança do judeu*, de J. W. Rochester, foi lido pelo elenco dirigido por Wanda Kosmos e Cássio Gabus Mendes.⁹ Na mesma matéria informou-se ainda que a Televisão Itacolomi, de Belo Horizonte, teria apresentado quatro telenovelas baseadas em romances de Chico Xavier: "Lívia", em 1961, adaptação de *Há dois mil anos*; "O grande testemunho", em 1962, baseada no livro *50 anos depois*; "Renúncia", em 1963, baseada em romance homônimo; e "Ave, Cristo!", de 1964, também adaptada de livro do mesmo nome.

A aproximação entre romances espíritas adaptados e televisão seria percebida ainda nos anos 1970, quando Ivani Riberio, após ter lido o primeiro e o último volumes da coleção *A vida no mundo espiritual (Nosso lar e E a vida continua...)*, conforme confidenciou a J. Herculano Pires, decidiu escrever a novela "A viagem",¹⁰ logo seguida por outra de mesmo teor: "O profeta". Ambas ocupariam o horário nobre da TV Tupi e alcançariam sucesso ao marcar 85% dos pontos no IBOPE (RIZZINI, 2001, p. 229-233); ambas também seriam reencenadas mais tarde pela Rede Globo, inaugurando praticamente um gênero específico que, ao lado das produções "de época" e das "novelas-verdade" (que se queriam mais próximas do cotidiano das pessoas), constituiriam a identidade da emissora em termos de teledramaturgia.¹¹

8 Ivani Ribeiro é um pseudônimo de Cleyde de Freitas.

9 O mesmo livro seria adaptado para outra telenovela, *O judeu*, apresentada pela TV Anhanguera, de Goiás (FEB, 1966, p. 25).

10 Herculano Pires fez o trabalho de revisão dos capítulos da novela "A viagem", cuidando, segundo seu biógrafo, para que as partes onde se destacavam os aspectos doutrinários não fossem deturpadas. Finalizada a novela, em 1976, Herculano Pires e Ivani Ribeiro lançaram juntos o livro *A viagem*, originado do roteiro da novela.

11 Até hoje a Rede Globo de Televisão já lançou mais de uma dezena de novelas espíritas ou com temáticas

O uso da bibliografia espírita como base para programas de rádio e televisão entre os anos 1950 e 1970, no Brasil, demonstra, em primeiro lugar que essa prática seguia a norma geral do uso de romances, estrangeiros num primeiro momento e nacionais em outro, como fonte de personagens, tramas e enredos para esses novos veículos em processo de construção de uma linguagem própria. Nessa conjuntura, o prestígio que a literatura nacional havia consolidado entre fins do século XIX e início do XX, serviria como suporte inicial de inspiração para as novas mídias, mas não só.¹² Em segundo lugar, porque os romances espíritas, em termos formais, eram herdeiros do romantismo folhetinesco de cariz melodramático, adequando-se muito bem à fórmula narrativa do “continua amanhã” (MEYER, 1996). Vários romances espíritas que passaram a ser publicados pela editora da FEB, na primeira metade do século XX, foram dados a ler, primeiramente, em folhetim, entre eles: *A casa assombrada* (1888-1889) e *Pérola negra* (1901-1905), de Adolfo Bezerra de Menezes, sob pseudônimo Max, que circularam em folhetim veiculado na revista oficial da FEB (SOARES, 2018). Com efeito, esses eram predicados fundamentais para captar a atenção de um público não habituado a ouvir ou assistir histórias por meio de aparelhos como rádio e televisão.

Uma crônica publicada em 1944, pelo jornalista e escritor Raimundo Magalhães Júnior, manifesta a seguinte opinião acerca do consumo dos livros espíritas editados pela FEB:

A imprensa tem agitado, frequentemente, a palpitante questão da literatura psicografada. Embora os livros editados pela Federação Espírita Brasileira sejam desdenhados pelos críticos oficiais, não merecendo sequer uma breve referência do Sr. Tristão de Ataíde ou do Sr. Álvaro Lins, a verdade é que esses livros têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio, embora este livreiro seja um dos campeões dos best-sellers nacionais. Não os lêem os literatos, nem os eruditos, mas o povo os devora. Mesmo pessoas que se dizem católicas – e quantas conheço nesse rol! – consomem essa literatura espírita. Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier, encontram público tão grande quanto as “Espumas Flutuantes”, de Castro Alves, ou os “Cantos do Exílio”, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez (MAGALHÃES JUNIOR, 1944).

Conquanto não se possa em absoluto assegurar empiricamente o perfil dos leitores de textos espíritas em geral, e da coleção em específico, os elementos expostos nas referências citadas podem fornecer algumas pistas a esse respeito. No caso dos programas de rádio e televisão, o público possível era extensivo, nas acepções de amplo e genérico, simultaneamente.

Em relação ao rádio e à TV pode-se concluir que, embora fossem capazes de suscitar o interesse espíritas, entre as quais algumas com mais de uma apresentação, como a própria *A viagem* (1994), reexibida no “Vale a pena ver de novo”, da Rede Globo, nos anos 1997 e 2006 e em 2014-2015, no Canal Viva; e *O profeta* (2006-2007), foi reapresentada em 2013, também no “Vale a pena ver de novo”. Contam-se também nesse segmento *Anjo de mim* (1996-1997), *Alma gêmea* (2006), *Páginas da vida* (2006), *Escrito nas estrelas* (2010), *O astro* (2011) *Amor, eterno amor* (2012), *Alto astral* (2014-2015), *Além do tempo* (2015-2016).

¹² Sobre esse assunto verificar: GUIMARÃES, Hélio Seixas. A presença da literatura na televisão. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 190-198, dez./fev./1996-1997; REIMÃO, Sandra. Telenovelas adaptadas de romances brasileiros e seus materiais publicitários. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas-SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, p. 505-525.

resse de muitas pessoas pela literatura que servia de matriz para os dramas radiados ou televisados, seu alcance era relativo. Na capital carioca, em 1947, por exemplo, a radionovela liderava, com mais do dobro sobre o segundo colocado, a preferência dos ouvintes em relação à programação veiculada (ORTIZ, 1994, p. 40-41); as revistas especializadas em rádio, TV e cinema que circulavam no país (*Revista do rádio, Rádio romance, Cinelândia, Radar*, entre outras) eram as mais vendidas entre os anos 1940 e 1950 (CHAVES, 2007, p. 36-37); e as adaptações de romances espíritas exibidas em horário nobre chegavam a alcançar pontos elevadíssimos no IBOPE (de até 85%), mostrando uma recepção favorável. Por outro lado, não se pode deixar de considerar que problemas estruturais na sociedade brasileira (o elevado preço dos aparelhos de radiodifusão e televisão, a insuficiência na cobertura de energia elétrica em áreas rurais e o localismo da produção realizada geralmente “em direto” pelas emissoras de TV) impossibilitaram, pelo menos até a década de 1960, uma ampla e bem distribuída recepção da programação difundida por essa via (ORTIZ, 1994; CALABRE, 2004 e 2006). Embora pudesse existir, em diferentes regiões, espaços coletivos para a exibição e a audiência desses programas, o que poderia ampliar o raio de alcance desses meios de comunicação em processo de massificação, o resultado é que a maior parte dos contemplados por essas mídias era eminentemente formado por setores urbanos, centralizados nas grandes capitais e com situação financeira privilegiada para arcar com as novidades da tecnologia. Portanto, se o rádio e a TV estimulavam o acesso à “literatura espírita”, que inspirava parte da sua programação, isso se fazia de forma um tanto restrita, o que não significa dizer que fosse uma forma desprezível de divulgação.

Na crônica citada, ao especular que somente o povo (e não “eruditos” e “literatos”) liam obras espíritas, Raimundo Magalhães Júnior ajuda a definir um pouco mais a imagem desse público consumidor. Ele aponta que várias pessoas que se diziam católicas consumiam esses textos. Por um lado, isso converge com a definição de “católico folclórico”, utilizada pelo Frei Boaventura Kloppenburg, ao se referir aos “tipos religiosos híbridos” que “reclamam para si todos os direitos de católico autêntico”, ao mesmo tempo em que frequentam maçonaria e as sessões espíritas, consultam astros ou juram fidelidade ao Rosa-Cruz (KLOPPENBURG, 1960, p. 05-06); quanto com a observação feita na revista *Reformador* acerca da intensificação da procura por livros espíritas, no Rio de Janeiro, na ocasião de um evento católico, o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, em agosto de 1955. No periódico, realçou-se o fato de a edição do oitavo livro da coleção, *Nos domínios da mediunidade*, lançado um mês antes do congresso, ter praticamente se esgotado nas livrarias cariocas, exatamente nesse mesmo período (DI MARCO, 1955, p. 227).

A partir do exposto, pode-se considerar que o público das obras apresentadas como mediúnicas, fora das fileiras espíritas, era extremamente difuso: poderia pertencer a diferentes parcelas da sociedade, centralizadas, sobretudo, nos centros urbanos alcançados pelos meios de divulgação mencionados; fazer parte da enorme massa de “católicos folclóricos”; ou ainda, vincular-se a modalidades religiosas espiritualistas e mediúnicas, como a Legião da Boa Vontade e a umbanda, ambas consumidoras habituais de textos espíritas (FEB, 1958, p. 07); ter contato com os livros mediante serviço de reembolso postal, livrarias e feiras do livro espírita, ou mesmo, acessá-los por meio de empréstimo em bibliotecas (espíritas ou não); ou recebê-los de presente de um amigo imbuído da tarefa difusora do espiritismo.

A RECEPÇÃO DA COLEÇÃO

Os meios de aceder aos usos feitos das obras da coleção pelos leitores encontram-se praticamente restritos aos registros gerados pelos próprios espíritas. Eles são relevantes ao propósito de constatar, por meio das opiniões emitidas, na lógica própria desses usos, os valores atribuídos às obras e os desdobramentos em outras práticas sociais letradas, como a crítica e o comentário, por elas impingidas a partir da “comunidade de leitores” espíritas, no Brasil.

Na edição de dezembro de 1944 de *O Semeador*, Luiz Monteiro de Barros, médico ligado à Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), escreveu um comentário sobre as impressões que *Nosso lar* teria gerado entre seus colegas de crença, originando as “(...) mais variadas e pejorativas críticas por vários líderes da doutrina dos espíritos (...)” (1944, p. 03). De modo semelhante, o advogado e escritor espírita Miguel Timponi (sob o pseudônimo Michaelus), em texto denominado “Ficção? Simbolismo? Realidade?”, sugeriu que essas perguntas têm ocorrido a muitos leitores de *Nosso lar* e *Os mensageiros*, e que para além dos ensinamentos que ensejam, podem parecer

(...) como se fôra um país encantado, com tôda organização com os seus mais curiosos e precisos detalhes, com serviços regulares de vigilância, assistência, postos de socorro, hospitais, aprendizados, sistemas de comunicações, etc. (MICHAELUS, 1954, p. 05-06).

Dois anos depois, no mesmo periódico, em artigo de autor anônimo, registrou-se que “Desde o aparecimento de *Nosso Lar* até agora a correspondência recebida pela Federação Espírita Brasileira sobre os livros desse ilustre médico e literato do invisível é imensa” (ANÔNIMO, 1947, p. 21-22). No texto, relatou-se ainda que essa correspondência seguia duas linhas: as cartas que expressavam estranhamento acerca das descrições demasiadamente materiais do mundo espiritual, aceitando-as, portanto, como simples fantasia, “romance de ficção”; e as que recebiam os textos mediúnicos de Chico Xavier sobre a vida no “Além” “com entusiasmo”.

Entre as leituras mais receptivas de que fala o comentarista, verifica-se a realizada por A. Assis, que nas páginas de *Reformador*, em 1954, por ocasião do lançamento do sétimo volume da coleção, anotou que:

À medida que acompanhamos André Luiz em seu aprendizado nos planos espirituais, vamos compreendendo porque em torno de suas obras ainda se tece uma certa atmosfera mesclada de assombro e dúvida. Ainda temos bem vivo na memória o estado da alma, entre estarrecido e meio incrédulo, com que percorremos pela primeira vez as páginas de “*Nosso Lar*”, e o aturdimento que por longo tempo nos empolgou. Rememoramos ainda fortemente os arrepios que nos assaltavam a cada página de “*Missionários da Luz*” e de “*Libertação*”, e os minutos enlevados que vivemos durante a leitura de “*Obreiros da Vida Eterna*”...

Agora, diante dos capítulos arrebatadores e fascinantes de “*Entre a Terra e o Céu*”, mais se nos robusteceu a opinião de que o conjunto primoroso de trabalhos que devemos a esse abnegado amigo vale por um verdadeiro curso de Espiritismo. Sem uma preparação prévia, psicológica e doutrinária (e, às vezes, mesmo com ela...), não se

poderá aproveitar todo o suco que neles se contém.

(...) Narrando, embora com singeleza, as experiências recolhidas ao acompanhar acontecimentos desenrolados entre a Terra e o Céu, André Luiz sabe imprimir tal vivacidade à história que nos conta, que nos deixa verdadeiramente magnetizados, a ponto de sentirmos, de vivermos, mesmo, o drama que entrelaça aquelas almas que lutam e sofrem, nos dois planos, em busca de sua própria libertação.

Mas, não é só. Neste livro, com incompatível mestria, numa dosagem perfeita, André Luiz faz-nos chegar, entremeados no entrecho do romance, os esclarecimentos e elucidações, os conhecimentos morais e científicos que está encarregado de trazer-nos. (...) E com que didática paciência, com que fraternal insistência, recontando os fatos da história empolgante, ele nos põe a par da Lei da Fraternidade, da Lei do Perdão, da Lei da Caridade!

Mas, finda a leitura, ao querer resumir uma impressão, verificamos que não temos vocabulário, nem para aplaudir a obra, nem para dar uma ideia do que ela nos sugeriu.

Só encontramos, para endereçar aos leitores desta revista, o desejo de que "Entre a Terra e o Céu" lhes proporcione os mesmos deleites que nos invadiram o espírito. E praza aos Céus que não desmereçamos tais oportunidades, para que elas continuem a baixar à Terra, a fim de que favoreçam e apressem a construção, entre os homens, do reinado da harmonia e da fraternidade (ASSIS, 1954, p. 20).

Estimulado, talvez, pela publicação da nova edição de *Nosso lar*, um dos mais atuantes membros da FEB no período em questão, Ismael Gomes Braga, sob o pseudônimo Lino Teles, escreveu um texto acerca do conjunto de leis que conforma a colônia *Nosso lar*, espaço privilegiado nas narrativas da coleção. No texto, ele chamou a atenção do leitor para aspectos como o regime antidemocrático, a atuação das figuras do governador geral e dos ministros, e a forma com que tudo funciona perfeitamente correto na cidade gerida por uma "aristocracia espiritual". Por fim, expressou o desejo de que a "Constituição de *Nosso lar*" viesse a "(...) inspirar aos nossos legisladores muita coisa interessante, num século em que se tem feito, desfeito e refeito muitas Leis Básicas de diversos Estados" (TELES, 1959, p. 20).

A FEB não chegou a publicar as cartas que recebia dos leitores que contestavam as narrativas trazidas na coleção; e Chico Xavier, embora tenha feito referência às missivas de igual teor dos leitores da série, que recebia com regularidade, afirmou serem os conteúdos dessas cartas "horrorosos", destinando-as todas ao "amigo fogo" (SCHUBERT, 1998, p. 234-235). Nesse sentido, o conhecimento que se tem delas se baseia, sobretudo, nos comentários veiculados com intuito de responder aos ditos leitores céticos ou críticos. Por essa via, lê-se numa resenha do livro *No mundo maior*, de autoria de Ismael Gomes Braga, mais uma vez sob pseudônimo, em que diz: "De vez em quando um leitor escreve, intrigado com um pormenor, e reclama explicações, como há pouco lemos uma resposta de *Reformador* a um anônimo que se declarou 'duvidoso'" (AGARIDO, 1947, p. 08). Em seguida, justificou que "alguns pessimistas se irritam, porque André Luiz lhes diz coisas inacostumadas, coisas que eles não tinham ouvido antes". No mesmo sentido, um comentador anônimo registrou que, mesmo aqueles que recepcionavam os textos de André Luiz e Chico Xavier como "obras de ficção, de simples fantasia, uma imitação, em prosa, da Divina Comédia, tem toda a liberdade de o fazer" (ANÔNIMO, 1947, p. 21-22).

Em algumas ocasiões, verificou-se que a revista da FEB reproduziu matérias de outros pe-

riódicos que traziam opiniões positivas de leitores dos livros da coleção *A vida no mundo espiritual*. Uma delas, copiada do jornal mineiro *Lavoura e comércio*, no qual um professor de medicina legal e ex-promotor de justiça, Georges Jardim, expôs seu ponto de vista sobre o livro *Evolução em dois mundos*, após ganhá-lo de presente de Waldo Vieira. Por não ser espírita e, portanto, não iniciado nos temas abordados, apenas registrou o grau de complexidade e coerência interna da obra, parabenizando o seu jovem "autor", pela demonstração de rara inteligência (FEB, 1959, p. 16).

A segunda referência à opinião extrínseca à "comunidade de leitores" espíritas foi a apreciação que um leitor holandês, membro de grupo esperantista e não praticante do espiritismo, emitiu acerca da edição em esperanto de *Nosso lar*, na revista *Heroldo de Esperanto*, em 1959.

"Nosso lar" é um lar de espíritos, e o livro – em forma de conto – foi escrito por um Espírito através de um médium da Terra. Pelo menos os editores nos querem fazer crer nisso. Pois bem, quem gosta de crer em Espiritismo, religioso ou não, gostará também desta obra, cuja tradução, como de costume em L. C. Porto Carrero Neto, é, em uma palavra, ótima (FEB, 1960, p. 24).

As opiniões aludidas põem de manifesto uma variedade relativa de interpretações em torno das obras formadoras da coleção *A vida no mundo espiritual*. Na primeira referência, o leitor que se apresentou pelo nome A. Assis (conhecedor da série e acostumado ao estilo de escrita do autor) concordou com a possibilidade inicial de estranhamento em relação aos conteúdos discutidos, embora os tenha recepcionado pela chave da "verdade revelada". Ele chamou a atenção para a habilidade com que o presumido autor da coleção interpola situações dramáticas dentro do romance com esclarecimentos acerca de "conhecimentos morais e científicos" de que estaria encarregado, pela natureza da sua missão, de difundir-los. Também expressou expectativa de continuidade da série, a partir da qual se imaginava "favorecer e apressar a construção, entre os homens, do reinado da harmonia e da fraternidade" (ASSIS, 1954, p. 20), caso se conseguisse aproveitar todo o "suco" contido nos livros. Já o que despertou atenção de Ismael Gomes Braga em *Nosso lar* foi a possibilidade de servir de espelhamento para os homens que porventura se dedicassem a analisar e replicar na Terra o modelo de organização social expresso no que se pode considerar uma utopia espírita, sem, por isso mesmo, ponderar sobre as implicações da aplicação social dos aspectos conservadores e autoritários presentes no referido modelo.

Diferente dessas interpretações são aquelas citadas de segunda mão pelos representantes da FEB e da revista *Reformador*. Nelas, há um deslocamento em sentido contrário, em que se consideram as narrativas veiculadas na coleção como fantasia ou simples ficção (entendidas como sinônimo de irrealidade ou falsidade), bem como, em relação à originalidade do enredo, apenas versões em prosa, do poema de Dante Alighieri.

No caso das apreciações emitidas por leitores externos ao meio especializado espírita, as opiniões são bem genéricas, referindo-se apenas à forma de organização e à tradução do texto ou à complexidade dos assuntos arrolados. Isso sugere, no oposto, que a leitura empreendida pelo público espírita, normalmente, baseava-se numa expectativa de continuidade com uma experiência ligada a temáticas próprias do kardecismo, como a ênfase na realidade da vida após a morte, na

comunicação entre vivos e mortos, na reencarnação e na conformação da vigência das leis morais espíritas (LEWGOY, 2000, p. 148). Destarte, pode-se afirmar que é uma característica própria do grupo de leitores espíritas (habituação a uma relação particular com os textos, geralmente assimilados pela via da propagação de mensagens de espíritos superiores tidas como autênticas) a associação entre produção textual e “revelação”, entre literatura e espelhamento da realidade, mesmo que essa realidade estivesse supostamente situada no “Além”.

É enorme, na revista *Reformador*, a quantidade de matérias destinadas a debater a possível descrença dos próprios espíritas em relação às narrativas de Chico Xavier, na coleção. Praticamente todos os referidos textos têm o propósito de justificar as dúvidas dos leitores ou dirimi-las, o que mostra o esforço da FEB, enquanto responsável pelas edições, de manter as interpretações dentro de um espaço restrito de significação e alinhadas às suas intenções de ter o poder de decidir sobre o que é ou não digno de crença no espiritismo.

Em carta de novembro de 1948, Chico Xavier noticiou ao amigo e editor, Antônio Wantuil de Freitas, suas impressões sobre a movimentação no meio espírita, contrária à FEB, com o intuito de contestar publicamente as teses apresentadas nos livros da coleção.

Podes crer que também de meu lado achei admirável aquele trecho do discurso do Vinícius. Aquela frase, Wantuil, não pode ser da Terra, porque expressa com imenso acerto as dificuldades de nosso programa de unificação doutrinária. Estou ansioso de conhecer toda a peça. Tentarei obtê-la. O Congresso lançará algum Memorial? Seria interessante lermos o trabalho em que o Dr. Henrique Andrade faz a defesa da FEB. Sei também que alguns irmãos (...) iam apresentar uma tese contra os trabalhos de André Luiz, contendo algumas cartas copiadas de textos a mim dirigidos. Esses textos são horrorosos. Li-os e confiei-os ao nosso bom amigo “fogo”, há tempos. É possível que revivam agora. Vamos esperar (SCHUBERT, 1998, p. 234-235).

Uma semana depois, quando voltou a escrever ao correspondente, relatou que “(...) O dossier dos irmãos gaúchos (*)¹³ contra os trabalhos de André Luiz me veio às mãos. Foram excessivamente generosos comigo. Deram-me formosos adjetivos e só disseram que eu estou um médium ‘cansado’” (SCHUBERT, 1998, p. 239-240).

As palavras de Chico Xavier ao presidente da FEB testemunham um momento de intensa contestação que a instituição autointitulada “casa-máter” do espiritismo no Brasil vinha sofrendo pelos prosélitos de várias partes do país. Apesar de haver muitos pontos de discordância na relação da FEB com alguns segmentos espíritas, pode-se considerar que, nesse contexto, o desacordo (no qual a coleção *A vida no mundo espiritual* ocupa papel central) se expressava em termos mais doutrinários.

Na primeira missiva, Xavier mencionou a possibilidade de leitura de um memorial em defesa da FEB no I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, que ocorreria no ano seguinte, em São Paulo. Nesse evento, seria discutida a continuidade ou não da direção da FEB no movimento espírita nacional. A ideia dos organizadores, em geral, contrários à gestão de Wantuil de Freitas na instituição

13 A omissão dos nomes dos autores do referido dossiê foi realizada na edição da carta para a sua publicação em livro, pela FEB, em 1986.

carioca, era criar um novo arranjo institucional em que a FEB figuraria apenas como uma associada, sem nenhum tipo de prerrogativa para dirigir os espíritas brasileiros. Entre as justificativas para tal mudança estava a acusação do pouco rigor da FEB na defesa dos princípios doutrinários herdados da “codificação kardecista”, expressos em situações como: a aceitação e a divulgação de teses doctistas do advogado e espírita francês Jean-Baptiste Roustaing, em alguns pontos divergentes de Kardec; a ênfase numa perspectiva religiosa de cariz catolizante, em detrimento dos aspectos tidos como científicos e filosóficos da doutrina espírita; a tendência ao alargamento da definição de espiritismo, permitindo incluir, entre outros, segmentos da umbanda;¹⁴ o empenho excessivo na ideia de exercício da missão através dos livros; e a veiculação e defesa das teses (consideradas revolucionárias, em alguns aspectos, em relação a Kardec) apresentadas na coleção *A vida no mundo espiritual*. Quanto a este último ponto, o médium mineiro relatou que um grupo espírita do Rio Grande do Sul, em protesto, apresentaria, no congresso de 1949, um dossiê, contendo aspectos desviantes da doutrina veiculada na obra atribuída ao espírito André Luiz.

Diante desse cenário, e especialmente no tocante às obras da coleção, Zêus Wantuil (filho do presidente da FEB e auxiliar nos trabalhos editoriais) produziu um texto com o intuito de anular o ponto de discórdia sobre o tema “perispírito”, trazido à baila pelo sexto volume da coleção. Antes disso, em 1947, foi iniciada uma série de reportagens intituladas *Viagens no mundo dos espíritos*, de autoria de Francisco Valdomiro Lorenz, um dos homens fortes da FEB, que visava mapear a produção bibliográfica preexistente sobre descrições da vida no “Além”, de modo que fossem vistas como base autenticadora das imagens retratadas em *A vida no mundo espiritual*.¹⁵

Outros espíritas próximos à FEB divulgaram textos de defesa da série na revista *Reformador*, em sintonia com o que se vinha praticando desde a publicação de *Nosso lar*. Entre essas matérias encontra-se a resenha de Ismael Gomes Braga do livro *Ação e reação*, lançado no ano do centenário do espiritismo, em 1957, em que afirmou ser a obra “uma glorificação da Codificação do Espiritismo” (BRAGA, 1957, p. 09), chocando-se, portanto com o argumento dos críticos, que consideravam os livros da coleção uma ruptura relativamente à matriz kardecista. Na mesma direção, distingue-se o comentário publicado pelo jornalista e espírita Wandyck de Freitas, em que retomou a questão do estranhamento dos leitores pelas narrativas “muito terrenas” de André Luiz, justificando que esses textos apenas corroboram outros do mesmo gênero que já vinham sendo produzidos em língua inglesa, a saber, *A vida além do véu*, do reverendo G. Vale Owen; *No limiar do etéreo*, de J. Arthur Findlay, ambos traduzidos pela FEB; e *Raymond*, de Sir. Oliver Lodge, traduzido por Monteiro Lobato (FREITAS, 1955, p. 157-158).

Ismael Gomes Braga, como Cristiano Agarido, em artigo intitulado “Uma nova era para o espiritismo”, afirmou que em decorrência da “(...) guerra [Segunda Guerra Mundial] e outras dificuldades na Europa, a Escola Kardeciana está hoje transplantada para a América do Sul e sua Casa Editôra principal – perdoem a imodéstia! – é esta pequenina Editôra da Federação Espírita Brasileira”

14 Em 1945, Wantuil de Freitas, há dois anos à frente da FEB, organizou o Plano das Sociedades Coligadas, que previa, entre outras, a inserção de centros pertencentes à umbanda no rol das entidades federadas sob seu comando.

15 A série “Viagem no mundo dos espíritos”, de Francisco Valdomiro Lorenz, teve início em fevereiro de 1947 e terminou em julho de 1948. Ao final, foram catorze textos veiculados em *Reformador* e que deveriam ser enfeitados em livro. Todavia, esse último objetivo não veio a se realizar.

(AGARIDO, 1945, p. 47). E continuou explicando que

(...) não contentes de aproximar a literatura inglesa a nossa, os Espíritos fizeram também o outro lado do trabalho: aproximaram a nossa literatura da inglesa. Os dois belos livros de André Luiz recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier, que desconhece totalmente a língua e a literatura inglesas, apresenta-nos o mundo espiritual próximo à Terra, absolutamente nos mesmos termos das obras mediúnicas inglesas. (...)

Todos êstes aspectos de um céu muito próximo da Terra até agora não eram tratados pelos médiuns da Escola Kardeciana, pareciam exclusividade da Escola Anglo-saxônica. Coube a André Luiz, sob a Alta direção de Emmanuel, iniciar entre nós tal literatura.

O esforço dos glosadores e resenhistas da coleção no intuito de conformar a recepção das obras “reveladoras das realidades próprias do ‘Além’”, expresso em diversos recursos discursivos, como os prefácios e notas da editora, e a elaboração de uma paraliteratura (textos e séries de matérias voltadas a discutir elementos particulares da coleção), demonstram, em primeiro lugar, uma dificuldade dos leitores em operar com práticas e representações antitéticas: o exame rigoroso dos textos e a aceitação de “verdades reveladas”, ambas, próprias ao universo espírita. Essa ambiguidade é observada tanto nos textos defensivos quanto nos textos céticos, dado que a tensão entre “factual” e “ficcional” foi o mote principal das opiniões emitidas acerca dos textos da coleção *A vida no mundo espiritual*. Isso evidencia que a narrativa romanesca, associada, em regra, à ficção, atua de forma intensa sobre as mensagens, funcionando como filtros semânticos e protocolos de leitura, permitindo assim, conformar a recepção das obras, ao colocar sob suspeição as mensagens divulgadas como “realidade”. Em segundo lugar, o esforço dos editores da FEB e seus correligionários em salvaguardar a coleção dos ataques iconoclastas evidencia que houve, em concomitância a veiculação da coleção como portadora de uma missão, um investimento no sentido de produzir a crença na validade dessa afirmação. Nessa lógica, os próprios ecos da recepção duvidosa, ao invés de terem efeito corrosivo sobre a suposta autenticidade da coleção missionária, funcionariam como índice da relevância do conjunto de livros, porque sem todo o rumor, poderia a coleção passar despercebida, sem levantar sequer uma voz contra ou a favor dela.

Recepcionada como portadora de uma missão de difusão dos pormenores do além-túmulo, a coleção *A vida no mundo espiritual* poderia também encarnar incumbência mais prática. Ismael Gomes Braga garante que a “literatura” em cena é instrumento de que se servem os “espíritos superiores” (orientadores, em larga medida, dos destinos dos homens, como se admite entre os espíritas) para a efetuação de “Uma nova era para o espiritismo”. Para tanto, argumentou que ao ratificar a tradição textual anglossaxônica acerca das descrições do “Além”, os livros do médium Chico Xavier permitem o espiritismo brasileiro assumir o lugar de importância antes atribuído à vertente francesa fundamentada em Kardec (que, no influxo da Segunda Guerra Mundial, teria sido transplantada, sob a “Alta direção de Emmanuel”, para a “América do Sul”, conduzida pela FEB).

CONCLUSÃO

A circulação da coleção *A vida no mundo espiritual*, nos anos imediatos à sua produção, conforme se pode acompanhar, extrapolou o horizonte de leitores endógenos ao se inserir como programação nos novos veículos de comunicação de massa, o rádio e a televisão. Conquanto estes veículos novidadeiros ainda fossem restritos ao segmento da sociedade que podiam bancar o acesso aos aparelhos e residiam em áreas do país onde eles já funcionavam, os espíritas não deixaram de investir em outros meios de divulgação de suas edições, como a realização de feiras e a doação de livros como presentes aos conhecidos. Nisso, as obras espíritas sempre estavam à disposição dos leitores em potencial, como desejavam os responsáveis pela ideia de produzir livros psicografados como missão: os editores da FEB e o próprio médium Chico Xavier.

Deve-se acrescentar que entre os quase 100 títulos publicados por Xavier nessa época, os livros componentes da coleção foram, com exceção da sua primeira obra publicada em 1932, *Parnaso de além-túmulo*, os mais comentados, e entre todos, os mais vendidos até hoje. Inclusive, todos eles, e o *Nosso lar*,¹⁶ especialmente, foram traduzidos para várias línguas, de modo que a circulação da coleção ocorreu também fora das fronteiras brasileiras.

Em relação à recepção das obras e sua efetuação pela leitura, foi possível acompanhar os efeitos de parte dos livros da coleção, algo em geral muito difícil de se realizar devido aos poucos registros que os leitores normalmente deixam sobre seus contatos com os livros. A diferença aqui reside, entre outros, no fato de os temas dos romances psicografados que descrevem a vida no "Além" pela ótica de um espírito desencarnado serem também tema de preocupação confessional. Por este motivo, as informações trazidas nas obras geraram não apenas interesse entre os leitores, mas devido ao seu aspecto inovador, originaram também debate que ganhou as páginas da imprensa espírita da época, tornando-se mote para correspondência entre Chico Xavier e seu editor, entre outros. Os rastros dessas leituras, captados devido ao rumor que elas causaram, apontam para um aspecto relevante da recepção da coleção: a oscilação entre crença e descrença dos fatos narrados, que, embora apresentados como revelação dos espíritos superiores, devendo ser recebidos como verdadeiros, foram questionados ou lidos pela chave da ficção por muitos leitores. Ao que se deve atribuir ao funcionamento do veículo romance escolhido para verter as novidades do "Além". Como dito, isso evidencia que a narrativa romanesca, associada, normalmente, à ficção, atua de forma ativa sobre as mensagens, operando como filtros semânticos e protocolos de leitura, de modo que a recepção das obras sejam acomodadas, ao colocar sob suspeição as informações divulgadas como "realidade". O que para uma doutrina religiosa que se entendia em situação de missão trouxe alguns inconvenientes que, com o tempo, porém, foram sendo dirimidos.

Isso posto, pode-se compreender melhor em que medida a produção de livros espíritas, em geral, e da coleção *A vida no mundo espiritual*, em específico, em um momento determinado, foi largamente associada à ideia de "missão". Ela teria o compromisso de reformar o espiritismo, desde as bases doutrinárias até o seu centro geográfico de propagação e, ao fazê-lo, ajudaria na condução da reforma da humanidade através da veiculação de uma "cultura espírita" filtrada pela perspectiva de Chico Xavier e da FEB, instituição supostamente escolhida para isso pelos "espíritos superiores". Sua importância e sua autoridade, fortemente expressas na coleção de livros publicados sob sua

16 *Nosso lar*, publicado em 1944, já vendeu, até hoje, mais de 2 milhões de exemplares. Em 2010 teve seu enredo vertido em filme de grande sucesso de público no Brasil.

alçada, sustentavam assim uma missão que dificilmente poderia ser contestada.

REFERÊNCIAS

AGARIDO, Cristiano. "Iniciada uma nova era para o espiritismo". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, fev./1945.

_____. "O quinto volume de André Luiz". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, mai./1947.

ALBERNAZ, J. L. de. "'osso lar' e 'Os mensageiros' – aos crentes e aos cépticos". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, dez./1945.

ANÔNIMO. "Os Livros de André Luiz". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jul./1947.

ASSIS, A. "Entre a Terra e o Céu". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out./1954.

BARROS, Luiz Monteiro de. "Com relação à Nosso Lar". In: **O Semeador**. São Paulo: Feesp, dez./1944.

BRAGA, Ismael Gomes. "Ação e reação". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jul./1957.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940-1946)**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: (1) artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

DI MARCO, Vinélius. "Aumentou a procura de livros". In: **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out./1955.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça (Orgs.). **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Catálogo da Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, mai./1955.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jan./1957.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, fev./1957.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, ago./1957.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, dez./1957.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, fev./1958.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, out./1959.

- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, fev./1960.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, mar./1960.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, mai./1960.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, nov./1961.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, mai./1963.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, abr./1965.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, Jun./1966.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, set./1968.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **O sementeiro**. São Paulo: FEESP, out.1953.
- FREITAS, Wandick de. André Luiz e suas histórias "muito terrenas". **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jul./1955.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia-SP: Ateliê editorial, 2009.
- GUIMARÃES, Hélio Seixas. A presença da literatura na televisão. **Revista USP**, São Paulo, n. 32, p. 190-198, dez./fev./1996-1997.
- GUIMARÃES, Rúbia da Costa. **A edição de livros na FEB**. Rio de Janeiro. Documentos Patrimoniais do Livro, Departamento Editorial da FEB, 09 dez. 2013. Entrevista concedida à Ana Lorym Soares.
- IBSEN, Stig Roland; CANTO IBSEN, Edith Nóbrega (Orgs.). **Catálogo geral das 100 obras de Francisco Cândido Xavier**. São Paulo: Edgraf, 1979.
- HOUAISS, Antônio; VILLA, Marco de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **O espiritismo no Brasil: orientação para católicos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1960.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista**. Tese (Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A noite**. Rio de Janeiro, 24 de mai./1944.
- MENEZES, Bezerra de (sob o pseudônimo Max). **História de um sonho**. Geraldo Campetti Sobrinho (Org.). Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 161-163.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- MICHAELUS. Ficção? Simbolismo? Realidade? **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, jan./1954.
- OLIVERO, Isabelle. **L'invention de la collection: de la diffusion de la littérature et de savoirs à la**

formation du citoyen au XIXe siècle. Paris: Imec, 1999.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. – 5ª. ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

REIMÃO, Sandra. Telenovelas adaptadas de romances brasileiros e seus materiais publicitários. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, p. 505-525.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires**: o apóstolo de Kardec. São Paulo: Editora Paidéia, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

SCHUBERT, Sueli Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SOARES, Ana Lorym. **O livro como missão**: a publicação de textos psicografados no Brasil dos anos 1940 a 1960. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018.

TELES, Lino. A Constituição de “Nosso lar”. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, abr./1959.

THIESSEN, Francisco. **Reformador**. Rio de Janeiro: FEB, dez./1970.

RECEBIDO EM: 12/08/2019

APROVADO EM: 25/08/2019

PUBLICADO EM: 30/08/2019